

Educação sexual: o bode expiatório dos programas escolares franceses. Um campo minado para o estado.

Éducation sexuelle: le souffre-douleur des programmes scolaires français. Un terrain miné pour l'État

Recibido: 19/04/2022 | **Revisado:** 20/04/2022 | **Aceito:** 25/04/2022 | **Publicado:** 20/06/2022

Fatima auwel

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1458-8792>

E-mail: fatimarauwel@gmail.com

Jacques Gleyse

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8459-5958>

Université Montpellier

E-mail: jacques.gleyse@orange.fr

Como citar: AUWEL, F. ; GLEYSE, J.; Educação sexual: o bode expiatório dos programas escolares franceses. Um campo minado para o estado. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v. 1, n. 22, p. 1 – 27, e13896, Jun. 2022. ISSN 2447-1801.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 Unported License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Resumo

O artigo proposto consiste em uma análise comparativa das grades de leitura dos livros de ciências nas escolas profissionalizantes e secundárias gerais. Estas grades de leituras são completadas por uma revisão da literatura geral sobre a questão do ensino da educação sexual nas escolas desde 1973 até os dias de hoje. Com base em análises quantitativas e qualitativas do conteúdo textual e ilustrativo dos livros escolares, será mostrado como a questão da educação sexual se tornou uma questão médica, política, social e religiosa. Que a integração da educação sexual nos currículos escolares franceses tem sido um caminho de obstáculos, pois é um assunto de controvérsia, discórdia, controle dos corpos e questões de poder. Apesar dos progressos significativos, a questão permanece ainda hoje um assunto que não foi dominado em sua totalidade em termos de espaços escolares, gênero, famílias e origens étnicas, ao ponto de se tornar um verdadeiro "saco de boxe" dos currículos e um "campo minado" para as autoridades públicas.

Palavras-chave: Educação. Escola. Gênero. Discriminação. Reprodução Humana. Contracepção. I.V.G. M.S.T. I.S.T. Sexualidade. Evolução. Sociedade. Mentalidades. Programas oficiais. Livros didáticos.

Resumé

L'article proposé est constitué d'une analyse comparative de grilles de lectures de manuels scolaires de sciences en lycée professionnel et en lycée général. Ces grilles de lectures sont complétées par une revue de littérature générale sur la question de l'enseignement de l'éducation sexuelle à l'école depuis 1973 à nos jours. On montrera, à partir d'analyses quantitatives et qualitatives des contenus textuels et illustratifs des manuels scolaires, comment la question de l'éducation sexuelle est devenue un enjeu médical, politique, sociale et religieux. Que l'intégration de l'enseignement de la sexualité au sein des programmes scolaires français fut un parcours d'obstacles tant ce dernier est sujet de controverse, de discorde, de contrôle des corps et d'enjeux de pouvoir. La question demeure encore aujourd'hui, malgré des avancées significatives, un sujet non maîtrisé dans sa globalité en fonction des espaces scolaires, du genre, des familles et des origines ethniques au point de devenir un véritable « souffre-douleur » des programmes et un « terrain miné » pour les pouvoirs publics.

Mots-clés: Enseignement. Ecole. Genre. Discrimination. Programmes Officiels. Manuels scolaires.

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade humana é um "fato social total" no sentido dado a esta expressão por Marcel Mauss a respeito das técnicas do corpo (1936, 1951). Dada a natureza, a sexualidade é socializada, culturalizada, sacralizada e politizada. (BALANDIER, 1984; GLEYSE, 2020). A partilha sexual das atividades atravessa todo o campo da sociedade e da cultura. Potência e poder, símbolos e representações, categorias e valores são formados primeiro de acordo com o referente sexual (GLEYSE, 2021). Assim, "a educação em sexualidade implica compreender uma função de diferenciação dos sexos e gêneros (masculino e feminino) enquanto identifica uma função de semelhança (pertencente ao mesmo gênero humano)" (PELEGE, PICOT, 2006).

Seu estudo como fenômeno natural na primeira instância e como um fenômeno complexo na segunda instância não é novo. Hipócrates, Platão, Aristóteles e Galen haviam estudado e descrito a reprodução. Há uma rica literatura sobre este assunto que ilustra o interesse por esta questão¹.

No entanto, sua introdução como parte obrigatória do currículo escolar por vários governos levantou mais tensão do que o interesse na sociedade francesa. Um estudo da didática e epistemologia dos livros didáticos, programas e relatórios escolares mostra que este é um assunto com tratamento complexo, uma vez que faz parte de uma relação de poder e um desejo de controle dos corpos. Esta observação está de acordo com o pensamento foucaultiano sobre "Biopoder" (t. 1, 1976). Na verdade, a sexualidade é ensinada em resposta a necessidades específicas da sociedade. A razão pela qual as autoridades públicas a introduziram nos currículos em 1973, seguindo a circular de Fontanet de 1973, não foi outro senão relacionada à saúde. Os riscos à saúde (abortos ilegais, propagação de doenças venéreas, higiene escolar), as condições miseráveis das famílias numerosas, o desejo de emancipação das mulheres e a chegada do liberalismo levaram o mundo político a intervir na esfera privada da intimidade a fim de assumir o controle dela.

Este ensino é inicialmente opcional à razão de 4 horas por ano em classe 3e e permanecerá assim até 2011 para as seções literária, social e econômica. (Bordas, 1er L, 2001, 2007). Além disso, as leituras (relatórios ministeriais, grelhas de leitura, literatura científica e intelectual, etc.) realizadas, assim como a idade do público, os públicos-alvo (formação profissional ou geral dos alunos), a formação dos professores, a escolha dos colaboradores, o gênero dos autores dos livros didáticos e as origens sociais e étnicas dos alunos, mostram que é difícil para o Estado democratizar esta educação, que é uma fronteira entre impulsos e civilizações, entre público e privado, entre controle e direito de passagem. O discurso do Ministro da Educação, Fontanet, que emitiu a circular e estava ciente da resistência da sociedade à educação sexual nas escolas, reafirma e justifica sua implementação nas escolas pelas rápidas mudanças tecnológicas, científicas, legais e econômicas que influenciam o comportamento em um espaço público em mudança:

Há muito se aceita que os educadores devem manter as crianças afastadas dos problemas da vida adulta, especialmente os que dizem

¹ Veja abaixo alguns exemplos de autores e teóricos que tratam da Sexualidade.

respeito à sexualidade. Mas as fábulas contadas às crianças mais novas e o silêncio imposto às mais velhas parecem estar agora repletas de sérias desvantagens, tanto do ponto de vista do desenvolvimento psicológico quanto da relação entre o adolescente e o adulto. Eles se tornaram inaceitáveis por causa da civilização predominante, da mudança de estilos de vida e do recrutamento misto de estabelecimentos. (MEN, C., 1973).

Um discurso semelhante do Professor Gustave Lanson foi proferido 60 anos antes:

Ao difundir a educação sexual, ao falar naturalmente sobre coisas naturais, você trabalhará para preparar, para o final deste século, um público que exigirá dos escritores algo mais do que diálogos ou devaneios dos amantes. Haverá menos romances recontando aventuras de sedução ou adultério, e isto será uma grande revolução. (Dr. BESSEDE, 1911).

O que é apresentado para justificar esta aquisição são os limites enfrentados pelas famílias em termos de educação sexual. Seu conhecimento é considerado muito incompleto ou mesmo inadequado para uma sociedade em processo de mudança, como mencionado acima. Já no início do século passado, o Dr. Doléris, em seu discurso no Congresso Internacional de Higiene, exortou o Estado a incluir a educação sexual nos currículos escolares, porque para ele e outros intelectuais da época (DURKEIM, 1911): "Pais e mães raramente ousam abordar este assunto, seja por ignorância das consequências, seja por modéstia". (Dr. BESSEDE, 1911). Assim, a História do ensino da sexualidade é de longo prazo. Levou vários séculos para tornar público seu ensino, apesar do conhecimento científico preciso sobre o assunto. É por isso que seria apropriado classificar mais seu campo de estudo em uma História em movimento conflitante. Uma história da sexualidade que pode ser descrita como paradoxal. Por um lado, nunca deixou de ser colocado em discurso, como Foucault demonstra claramente em seu livro: *La Volonté de Savoir* (t. 1, 1976) e, por outro lado, é negado, morto na esfera privada tão fortes são as injunções socioculturais. Tendo se tornado um tema de controvérsia, colocá-lo em discurso no ambiente escolar rapidamente se torna um exercício arriscado. Como pode ser visto em numerosas circulares, as autoridades públicas às vezes lutam para superar a resistência da sociedade (RAPPORT, 1998, 2004, 2007, 2016, 2019, 2021). Como veremos abaixo, isto resulta em um ensino com conteúdo sexual essencialista que se limita a um discurso historicamente sanitário, econômico e legal. De fato, a construção aceitável da educação sexual nas escolas foi desde o início colocada sob "*o sinal essencial do perigo venéreo, da degeneração, sob a forma de heredosifilis*". (DURKHEIM, 2011; CORBIN, 1978, 1991). *Lemos alguns escritos que destacam a utilidade de seu ensino. Por exemplo, o panfleto de Madeleine Pelletier, médica, publicado em 1914 sob o título L'Education féministe des filles* (POUTRAIN, 2014). Podemos citar outros autores e a lista é longa, mas esse não é o objetivo deste estudo².

² Observação. Podemos citar Thomas Beddoes, médico inglês, 1802, Dr. Pierre Régner que desde 1901 ousara dar palestras na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales intituladas: *De l'éducation*

Deve-se notar aqui que, segundo Yvonne Knibielher (citada por Poutrain, 2014), o próprio termo "educação sexual" apareceu em 1914³.

Podemos ver que, desde o início, havia um desejo de tornar os jovens responsáveis por sua sexualidade:

Os congressistas, reunidos na Sorbonne sob a presidência de M. Gustave Lanson, professor da Faculdade de Letras de Paris, procuraram maneiras de introduzir a educação sexual na pedagogia. O relator da Alemanha, Dr. Chotzen, de Breslau, defendeu uma educação destinada a agir sobre a inteligência e o sentimento, e a conscientizar os jovens de sua "responsabilidade sexual". (Dr. BESSEDE, 1911).

Estes debates serão retomados e desenvolvidos por certos movimentos feministas, médicos, intelectuais, associações de defesa dos direitos da criança e o movimento LGBT+. (POUTRAIN, 2014).

Entretanto, levaria mais de sessenta anos até que o Estado decidisse intervir na vida íntima das famílias e torná-la uma questão política. As razões para esta mudança de rumo são mais justificadas por um contexto histórico favorável. Por um lado, testemunhamos uma situação de saúde alarmante (aborto clandestino dramático, pobreza entre as famílias numerosas, habitação inadequada, higiene infantil descrita como deplorável, violência sexual, propagação de doenças venéreas etc.), ela própria denunciada pelo público. Por outro lado, assistimos a mudanças morais provocadas pelo progresso científico, jurídico e econômico emancipatório (a lei Neuwirth autorizando a pílula, a lei Veil legalizando a I.V.G., coeducação com a introdução da escola secundária única em julho de 1975 (lei no. 75-620 de 11 de julho de 1975). Entretanto, apesar deste progresso e da institucionalização da sexualidade, será necessário mais meio século para fortalecer sua aplicação no ambiente escolar e fazer deste ensino uma ferramenta de prevenção, igualdade e bem-estar entre os jovens. (B.O. M.O.N, 2019).

Pareceu interessante questionar esta hesitação e tentar identificar as estruturas e mecanismos criados pelas autoridades para combater as diversas injunções da sociedade. Nomeadamente, como são construídos os discursos contrários à democratização da educação sexual nas escolas e como eles influenciam o mundo político? Em que argumentos eles baseiam seu discurso? Até que ponto o

*sexuelle. Guilio Obici com *Les Erreurs de l'éducation sexuelle* em 1902, o do Dr. Henri Fischer com sua *Éducation sexuelle et hygiène de l'enfance* em 1903, o do Dr André Wylm, *Morale sexuelle* em 1907, o do Dr Sicard de Planzoles com *La Fonction sexuelle au point de vue de l'éthique et de l'hygiène sociale* em 1908, *L'Enseignement de l'hygiène sexuelle à l'école* em 1912 pelo Dr. Lucien Mathé, *Freud et ses Trois essais sur la théorie de la sexualité* em 1905, Havelock Ellis e sua *Éducation sexuelle*, Dr. Bessedé e seus panfleto intitulado *Initiation à l'éducation sexuelle*, Durkheim e sua *Éducation sexuelle* ou um pouco mais tarde Perrot, Beauvoir, Kinsey, Bozon, Foucault, Bailley, Balandier, Becker, Boswell, Decaux, Demers. Outros irão integrá-lo em novas disciplinas como disciplinas como História das mentalidades com: Labrousse, Reich, Ginzburg, Simiand, Vovelle, Corbin, Courtine, Vigarello, no que diz respeito ao início da introdução da questão da educação sexual no espaço público.*

³ *Data a ser verificada porque, como veremos, o termo é de fato citado como título de uma obra de certos médicos e pensadores de 1902, em particular do Dr. Pierre Régner que a partir de 1901 deu palestras na École des Hautes Etudes Sociales foram intitulados *De l'éducation sexuelle*. (BESSEDE, 1911).*

desejo de tornar a intimidade pública se torna rapidamente uma questão de "biopoder"? Como os atores, especialmente as autoridades públicas, pais, entidades religiosas e autores de livros didáticos, definem, pensam, censuram e regulam o comportamento corporal relacionado à sexualidade?

Antes de qualquer análise e interpretação, parece importante lembrar algumas noções e descrever as abordagens utilizadas neste estudo.

1.1 O LIVRO DIDÁTICO: OBJETO MANIPULADOR OU OBJETO MANIPULADO?

Optamos por abordar a educação sexual nas escolas em livros didáticos por diversas razões:

— O manual escolar obedece a uma ordem institucional: o currículo define o conteúdo das ciências ensinadas e assim 'normaliza' o discurso escolar. É também um produto comercial (pelo menos na França, onde o Estado não tem controle sobre sua publicação ou distribuição). Seu conteúdo é, portanto, condicionado por considerações econômicas (custos de produção, supostas ou reais expectativas de prescrição de professores etc.) que podem influenciar seu discurso (MORAND, 2012; CHOPPIN, 1993).

- Ela participa do processo de "**aprender a desempenhar papéis, compartilhar significados com outros, responder e antecipar suas expectativas, interiorizar normas, valores e sistemas de pensamento**". (CHERKAOUI, 1992).

- Finalmente, ela pode transmitir várias formas de discriminação, seja consciente ou inconsciente. (M. ANTI-JUAN, 2004).

1.2 UMA BREVE DEFINIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO

« O treinamento de alguém em um determinado campo de atividade; todo o conhecimento intelectual, cultural e moral adquirido neste campo por alguém ou por um grupo. (LAROUSSE, 2020). Esta é a definição de educação dada pelo dicionário mais comumente usado na França.

A educação sexual baseia-se, portanto, em métodos e técnicas que permitem levar a informação ao indivíduo de uma forma apropriada, sem estigmatizar ou fazer com que ele se sinta culpado. É, portanto, sustentada por uma reflexão ética. Trabalhando sobre questões de representações, normas, crenças e valores, a montante do comportamento, "faz uso de ferramentas interdisciplinares" (TESSIER, 2004).

2 METODOLOGIA UTILIZADA PARA O ESTUDO DE MANUAIS

Pode-se assumir que a escola abre um espaço onde tudo não está predeterminado, o que às vezes torna possível escapar dos determinismos sociais, abrir possibilidades (BERENI, CHAUVIN, JAUNAIT, REVILLARD, 2012), expressar ideias e pensamentos que a esfera privada às vezes não permite. Nesta base, assumimos que os livros didáticos geralmente oferecem um suporte para esta abertura.

Assim, o meio mais relevante que pode lançar luz sobre nossas perguntas sobre educação sexual é o livro didático da escola. E mais especificamente, os livros de ciências naturais. A construção de grades de leitura por tema facilitará a coleta de dados quantitativos e qualitativos precisos. Será então necessário interpretar os dados e desenvolver uma teoria. Isto leva a : "assumir riscos que pressupõem saltos lógicos, saltos criativos que devem ser rapidamente apoiados empiricamente e argumentados a fim de serem reconhecidos e validados". (SEIGNOBOS, 1901, SOULET, 2012). Portanto, é importante evitar interpretações exageradas, o que às vezes pode levar a teorias hipotéticas. (CRETE, 1992; CASPARD, 1984).

Portanto, também será possível fazer referência a pesquisas e relatórios realizados no campo para validar ou invalidar nossas análises. Finalmente, a história de uma disciplina implica em definir os períodos relevantes que podem fornecer informações sobre as mudanças que ocorreram na sociedade. O tema da sexualidade é um tema vivo e constante ao longo do tempo, o que naturalmente nos leva a tomar uma posição metodológica, a saber: uma História do presente é justificada no caso deste estudo?⁴ No entanto, é difícil estudar um tema como a sexualidade sem se referir ao presente. Ao fazer isso, optamos por tratar o tema de estudo a partir da data de sua aparição nos livros didáticos, ou seja, 1975 (HACHETTE, S.N., 3e, 1975)⁵. Este estudo será concluído em 2019 na época da última reforma dos programas escolares de biologia.

A escolha do meio deve ser questionada por sua vez. De fato, será necessário avaliar as estratégias epistemológicas e didáticas empregadas pelas editoras e autores dos livros escolares para facilitar o aprendizado contido nos programas escolares. A coerência entre a idade e o perfil dos alunos escolhidos e o conteúdo dos currículos, as ilustrações utilizadas pelas editoras e a realidade do campo serão questionadas. Finalmente, a questão do gênero e seu tratamento nos livros didáticos será particularmente analisada.

A metodologia utilizada por Sandie Bernard, Pierre Clément e Graça S. Carvalho (2007), que consiste em uma análise didática dos livros didáticos escolares centrada no conteúdo do que é ensinado e aprendido no assunto escolhido, será implementada. Este último tem a vantagem de informar sobre as mensagens divulgadas, explícitas ou implícitas, por meio de grelhas de leitura. Desta forma, é possível ver se o conteúdo científico dos livros didáticos interage explícita ou implicitamente com as práticas sociais (P) do período em estudo. Desta forma, é possível avaliar se o conhecimento científico (K) ensinado é de natureza prática ou

⁴ É bem conhecido que alguns historiadores consideram a História do Presente contrária às regras da disciplina. Marc Depaepe, em seus Dez Mandamentos para Pesquisadores na História da Educação, afirma claramente a recusa de uma História do Presente: "Não te preocupes excessivamente com o presentismo e não escreverás uma história do presente, nem para o presente" (citado em LE CAM, 2013).

⁵ E não 1979 como foi sugerido no artigo de Sandie Bernard e Pierre Clément (2006). Um erro que foi retomado por VINCENT & TIMERI em sua tese de mestrado II (2021).

moral, fornecendo assim informações sobre a motivação do conteúdo proposto. A metodologia será, portanto, baseada no "modelo KVP", analisando as interações entre o conhecimento (K) do período, os valores (V) e as práticas sociais (P) com o objetivo de identificar o que pertence à ciência ou aos valores em um discurso científico, particularmente nos conteúdos dos livros escolares (CLEMENT, BERNARD, 2007). Finalmente, a abordagem histórica se concentra no conteúdo textual e iconográfico.

Entretanto, este artigo será limitado ao estudo do tema da contracepção e das infecções sexualmente transmissíveis. A reprodução será brevemente mencionada porque seu ensino foi retirado muito cedo dos livros didáticos de biotecnologia no ensino médio.

Quanto às grades de leitura, elas incluem vários temas e subtemas e dizem respeito a uma lista de indicadores agrupados em diferentes categorias (DSTs, aborto, a Pílula, práticas sexuais etc.). Estes indicadores foram escolhidos a fim de identificar se as diferentes dimensões biológica, comportamental e social estão ou não presentes no conteúdo. Em cada caso, será listada a presença ou ausência dos indicadores e sua ocorrência nos textos. Alguns indicadores também foram escolhidos pelos valores implícitos que transmitem; sua ausência nos livros didáticos pode revelar uma recusa por parte do desenhista do currículo ou da editora de livros didáticos em abordar certas noções (por exemplo, orientação sexual, bissexualidade, intersexualidade, prazer feminino etc.). Além disso, optamos por um estudo comparativo dos livros didáticos escolares em diferentes contextos socioculturais (público geral e público profissional). O método utilizado é o "método contrastivo" (CLEMENT, BERNARD, 2007), ou seja, envolve duas etapas: comparar vários livros didáticos e depois relacionar as diferenças assim observadas com o contexto de cada um dos livros didáticos, em particular os parâmetros socioculturais.

A seguir, um conjunto de livros de biotecnologia C.A.P., B.E.P., 2º Prof., Ciências da Vida e da Terra para o 2ºnd, 1er e Term 1er geral. As edições mais utilizadas foram selecionadas: Hachette, Bordas, Hatier, Nathan, Foucher, Delagrave, Casteillan.

A educação sexual em livros de ciências do ensino médio profissionais parece ser o grande ausente como objeto de pesquisa. A revisão bibliográfica sobre este tópico e tema é muito limitada e as pesquisas de campo são fraquíssimas ou inexistentes. Devido à falta de pesquisa nesta área, a história do ensino da educação sexual em livros didáticos de biotecnologia é baseada em uma base frágil. (D. PIAGET, 2008; LUEKEN, 2014). Os livros de ciências naturais utilizados nas escolas secundárias em geral também se beneficiariam de serem estudados. De fato, os estudos até hoje têm sido fragmentados, pois o número de livros didáticos estudados raramente ultrapassa trinta. Entretanto, existem alguns artigos, relatórios, cursos de treinamento e dissertações sobre o assunto (HANON, 2013 ; VINCENT& TIMERI, 2021 ; FILLIOD, 2014, VITTU BRIL, 1999 ; ROUX, 2020), mas não há nenhuma tese como tal que trate deste assunto de forma exaustiva. Além disso, estes estudos foram conduzidos com o objetivo de refletir sobre novos treinamentos para a Igualdade entre meninas e meninos na escola⁶. Eles são principalmente estudos sociológicos ou

⁶ O mesmo tratamento inadequado para o liceu Profissional. A conferência de Konstanze LUEKEN sobre "gênero nos manuais de Saúde Preventiva e Meio Ambiente" (simpósio de Paris de 2 de julho de 2014 sobre "Manuais escolares, gênero e igualdade").

médicos. As únicas teses sobre a história da sexualidade tratam de outras mídias, como jornais e arte (MORICE, 2020).

A escolha da escola secundária profissional pode ser explicada em parte pela natureza dos perfis dos estudantes, que se destinam a cursos curtos e, portanto, para uma entrada mais jovem no mercado. É um público muito heterogêneo marcado por uma forte presença masculina ou feminina, dependendo da escolha do treinamento (FERREIRA CAVALCANTE, GLEYSE, DE LIMA NETO, THOMAS 2021; RAPPORT, 2020). Na verdade, é um público de estudantes treinados em um espaço particular que é o de treinamento. Um exame das características sociais dos estudantes confirma que o espaço de formação profissional é um universo altamente segregado, marcado por divisões de gênero, classe e origem étnica de acordo com a pesquisa de Julie Jarty e Prisca Kergoat (2020). Paradoxalmente, os livros didáticos de biotecnologia, ao contrário dos livros didáticos SVT, são publicados sob a forma de cartões destacáveis. A vantagem deste formato é que os alunos têm que responder diretamente, dando assim um valor histórico adicional, ou seja, informações sobre a escolha prioritária ensinada pelo professor e os conhecimentos transcritos pelo aluno. Além disso, tem a desvantagem de ser pago e, portanto, um custo adicional para as famílias, embora o público-alvo pertença a um ambiente socialmente desfavorecido (JELLAB, MAILLARD, 2013) onde os estereótipos podem ter mais peso e ancoragem do que nas classes mistas, como aponta Schwartzo (2011). É uma população que não é desprezível, já que estes estabelecimentos atendem atualmente mais de setecentos mil alunos na França (REPERES, 2016).

3 ANÁLISE DE CONTEÚDO DE LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA

3.1 LIVROS DIDÁTICOS NÃO TÃO NEUTROS: UM VERSO DE EDUCAÇÃO SEXUAL SOB-CONTROLE

- a) Aqui estão os conteúdos de vários livros didáticos sobre reprodução em momentos diferentes, mas para a mesma editora
- b) a) Sciences naturelles, 1er AB, p. 214, Bordas, 1982 (Loi Fontanet, 1973)

« A reprodução sexual é caracterizada pela união de duas células sexuais: o gameta ou espermatozoide masculino e o gameta ou óvulo feminino. Esta união, ou fertilização, dá origem a um ovo, o ponto de partida do novo ser vivo". (Bordas, Sciences naturelles, 1er AB, p. 214, 1982)

- c) c) Biologia, 1ª AB, Bordas, 1988 (Novo programa da B.O. nº21 de 2 de junho de 1988)

« Sabemos que a reprodução sexual é caracterizada pela união de dois gametas: o gameta feminino ou óvulo e o gameta masculino ou espermatozoide. Esta união ou fertilização dá origem a um óvulo, o ponto de partida do novo indivíduo". (Bordas, Biologia, 1a AB, p. 90, 1988, p. 90)

- d) d) Ciências da Vida e da Terra, 1º L, Bordas, 2001 (B.O., Nº7 de 31 de agosto de 2000)

« A reunião dos gametas e a fertilização: no momento da ejaculação, o esperma depositado no fundo da vagina contém 200 a 300 milhões de

espermatozoides, e estima-se que apenas algumas dúzias deles chegam ao óvulo. (Bordas, S.V.T., p. 136, 2001)

e) SVT, 1^{er} S, Bordas, 2011 (B.O. Loi 2011)

« O comportamento sexual humano (como o dos primatas homínídeos) não está estritamente ligado ao ato reprodutivo. Muitos aspectos do comportamento amoroso (carícias, beijos etc.) parecem estar mais orientados para o estímulo de zonas 'erógenas' com o objetivo de obter e obter prazer. (Bordas, S.V.T, 1er S, p. 267, 2011).

Uma leitura dos termos e escolhas feitas pela editora Bordas para introduzir a fertilização em seus livros didáticos ao longo do tempo mostra claramente, a princípio, que a educação sexual é reduzida a uma função da sobrevivência da espécie. O aspecto estritamente biológico da função sexual humana é privilegiado até 2011. Mas, seguindo a nova lei de 2011 sobre educação sexual abrangente, científica e moral nas escolas, ocorre uma mudança na forma pedagógica e didática de lidar com a questão. Novos termos aparecem como "carícias", imagens mostrando indivíduos do mesmo sexo se beijando sugerem uma abertura moral sobre a sexualidade e uma intervenção mais assumida do Estado. Por outro lado, a contracepção e as doenças sexualmente transmissíveis estão ausentes em seu conteúdo, como veremos mais adiante neste artigo. Ele se aplica aos livros didáticos biotecnológicos?

Aqui estão novamente os conteúdos léxicos de vários livros didáticos para estudantes de ensino médio profissional e geral em diferentes períodos:

1. Manuel Foucher, 1985, 1988 :

« A união física do homem e da mulher é para fins de procriação. Mas a sexualidade humana não está limitada à função procriadora. Todo o ser humano é sexualizado não apenas do ponto de vista genital, mas também em toda a sua morfologia, sua fisiologia. Somos homens ou mulheres em tudo o que fazemos e em tudo o que somos. O ser humano é sexuado desde antes do nascimento, sua sexualidade se expressa ao longo de sua existência e não apenas nos anos em que a atividade genital é possível. A sexualidade, elemento essencial da personalidade, não se manifesta apenas nas relações com uma pessoa do outro sexo, mas em todas as relações com os outros, relações que são marcadas pelo fato de sermos homens, mulheres. [...] que além do prazer que o ato sexual físico pode proporcionar, a verdadeira expressão da sexualidade, que é uma realização de todo o ser, é reduzida. [...] Nos homens, a excitação sexual ocorre repentinamente. Não é o caso da mulher: para que o ato sexual seja um prazer para seu parceiro, o homem deve saber despertar nela o desejo através de gestos que demonstrem ternura. [...] Se isto pode ser, em parte, uma questão de vontade durante a vida em conjunto, é essencial que desde o início haja uma escolha genuína e ponderada (que não seja contrária aos sentimentos de amor), um acordo mútuo (sem o qual haveria estupro) e respeito pelo outro". (VSP, CAP, FOUCHER, 1985; VSP, Bac Tech, FOUCHER, 1988).

2. Vida Social e Profissional, CAP-BEP, Foucher, 1999.

« A função reprodutiva é desempenhada pelo sistema reprodutivo. [...] O óvulo humano é o resultado da fusão de duas células: um óvulo e um espermatozoide. A fertilização pode ser natural ou medicamente assistida. »

3. Prevenção Saúde, Meio Ambiente, CAP, p. 37, 2020, Foucher.

« Durante o ato sexual, o esperma é depositado na vagina durante a ejaculação. Apenas uma pequena parte destes chegará ao colo uterino. ... »

Para os alunos do ensino profissionalizante secundário, houve uma redução no conhecimento e abertura sobre o tema da educação sexual por parte dos autores dos livros didáticos. Na verdade, nos anos 80, lemos um conteúdo mais completo, mais aberto sobre educação sexual. No livro didático Foucher de 1985, não apenas a reprodução é discutida, mas também o prazer compartilhado, o prazer feminino, o consentimento e a violação em caso de desrespeito à sexualidade do parceiro. Assim, para os autores destes manuais, a sexualidade humana cobre várias dimensões e não se limita à única função de reprodução, como desejava a circular. A importância do aspecto moral do consentimento de ambos os parceiros e a consideração do prazer feminino, descrito como mais delicado de se obter, estão presentes e assim mostram um alargamento da questão da reprodução estritamente biológica para uma visão mais global do ato sexual.

Nos anos 2000, uma mudança de paradigma foi observada. O Estado muda os programas de biotecnologia e limita a educação sexual essencialmente a uma abordagem preventiva. O tema da reprodução e conseqüentemente o das relações sexuais desapareceu dos manuais da Vie Sociale et Professionnelle (VSP, CAP-BEP, Foucher, 2001). A educação em sexualidade foi limitada à educação em métodos contraceptivos e à prevenção de doenças sexuais, talvez ligada ao recrudescimento dos abortos e da epidemia de AIDS durante este período na França. O curso sobre contracepção até desapareceu em favor da família e das doenças sexualmente transmissíveis em 2004. (Foucher, VSP, BEP, 2004).

Outras contradições foram observadas nos livros didáticos. O currículo ensinado nem sempre corresponde ao amadurecimento da criança ou adolescente sobre a questão da sexualidade. Na verdade, o ensino da sexualidade mudou constantemente em diferentes níveis etários ao longo dos anos. Por exemplo, a reprodução e a contracepção foram ensinadas para a seção de ciência em Terminale até 2011. Então, com a lei de 2011 sobre orientação sexual, seu ensino passou para o programa de Première e finalmente acabou no programa das Seconde, após as reformas de 2018. Isto revela duas coisas: educação sexual tardia para estudantes em geral e educação sexual precoce para estudantes no profissional. A educação sexual pode ser obsoleta em vista da idade do público-alvo: adolescentes que têm acesso à Internet com os possíveis excessos de uma sexualidade virtual fantasiada através de filmes pornográficos.

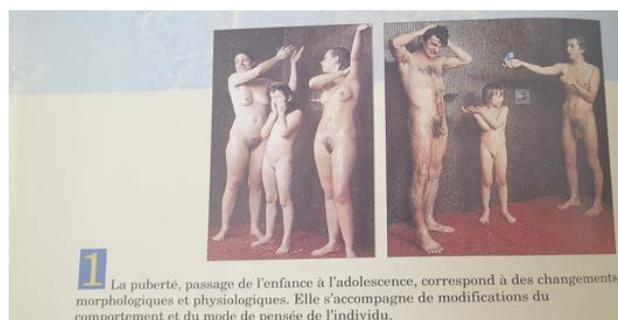
Outro paradoxo é que a educação sexual era obrigatória no programa de estudos científicos para a seção científica e opcional para a seção literária. A este respeito, o único livro didático com um conteúdo muito rico sobre a questão da sexualidade, e mesmo um precursor dos livros didáticos de 2021, foi o livro didático de Biologia de 1982 para o 1º ano A (literário) publicado por Nathan (antigas seções L). Os autores optaram por um tratamento aprofundado do assunto. Ela contém uma riqueza de informações sobre a história da sexualidade, as relações de poder que

dificultam sua educação e estereotipam certos comportamentos. Em particular, explica como a Igreja, depois de ter procurado proteger as mulheres, concedendo-lhes igualdade com os homens, trabalhou durante a Idade Média para demonizar seus corpos através do pecado original. O manual menciona a necessidade de que os homens não negligenciem o prazer feminino. Ele se aplica a outras sexualidades. Os autores falam da orientação sexual dos indivíduos, especificando que o sexo biológico não deve ser confundido com a escolha sexual dos adultos (Biologia, 1º A, Nathan, 1982). Aqui pode-se perguntar se o gênero dos autores não influencia a escolha de conteúdo dos autores. Poderia se esperar encontrar uma maioria de mulheres entre os autores, o que, numa abordagem mais igualitária, justificaria esta escolha didática epistemológica. No entanto, este não é o caso deste manual, que foi projetado por seis homens e uma mulher.

3.2 A IMAGEM E SEU TRATAMENTO POR LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA

As ilustrações escolhidas pelos autores dos livros didáticos como apoio complementar ou ilustrativo para as lições ensinadas foram estudadas especificamente. De fato, as imagens ocuparam um espaço considerável nos livros didáticos, a ponto de alguns livros terem perdido mais da metade de seu conteúdo em termos de vocabulário. O que nos interessa aqui é a escolha de certas imagens susceptíveis de transmitir implícita ou explicitamente ideias e conhecimentos com valores morais ou científicos. O conteúdo da imagem também fornece informações sobre a evolução ou declínio das mentalidades na sociedade ao longo do tempo.

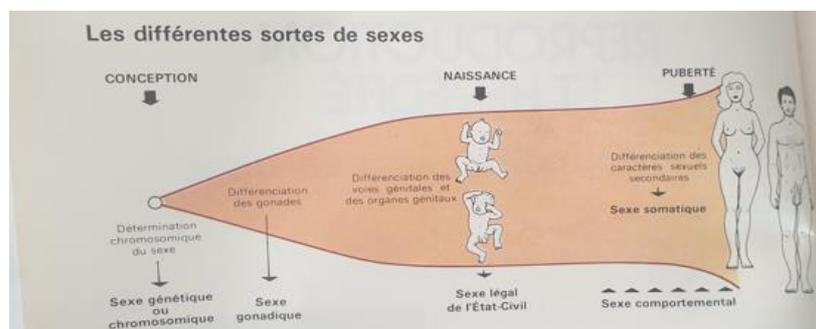
Como podemos ver nas imagens abaixo, são sobretudo as concepções de decência do tempo e o que se supõe ser aceitável para os pais que determinam o que pode ou não ser mostrado. É difícil imaginar pais endossando casais nus ou o desenho de relações sexuais em livros escolares hoje em dia. Por outro lado, os anos 80 e 90 foram provavelmente mais propícios a uma visão mais livre e menos puritana da sexualidade. Entretanto, algumas imagens transmitem valores morais explícitos. Este é o caso da representação de mulheres e meninas. É evidente que no Anexo 1, Anexo 2 e Anexo 3, Anexo 5, os autores dos manuais tentaram esconder seus rostos. Somente os atributos femininos sedutores: cabelos, seios e nádegas são destacados, enquanto os homens são retratados em perfil e muito "sexuados" no anexo 5.



Anexo 1 : Biologie, Ter. S, Hachette, 1994. **Anexo 2**: S.V.T, Ter. S, Nathan, 1994.

Desde os anos 2000, assistimos ao retorno de uma certa censura na representação do corpo. O retorno a uma certa moralidade puritana é evidenciado pelo nascimento de uma polêmica que qualificou, entre outras coisas, o ensino da educação sexual como : "teoria do gênero" após a publicação do novo programa em 2011 (BÉRAUD, 2013, LE MAT, 2014, 2018, LUCA BARRUSSE, 2010, MENARD, 2018) . A presença de casais homossexuais em fotos (ver Anexo 3) no 1º curso L (literário) tinha escandalizado alguns pais católicos e muçulmanos conservadores. Embora a questão da orientação sexual já tivesse aparecido no 1º livro de Biologia A publicado por Nathan trinta anos antes em 1982 (Anexo 4, Anexo 5).

Anexo 4: Biologia, 1^{er} A, Nathan, 1982



Os diferentes tipos de gênero

Projeto

Determinação cromossômica do sexo

Sexo genético ou cromossômico

Diferenciação de gônadas

Sexo gonadal

Nascimento

Diferenciação do trato genital e genitália

Sexo legal do Estado-Civil

Puberdade

Diferenciação de características sexuais secundárias

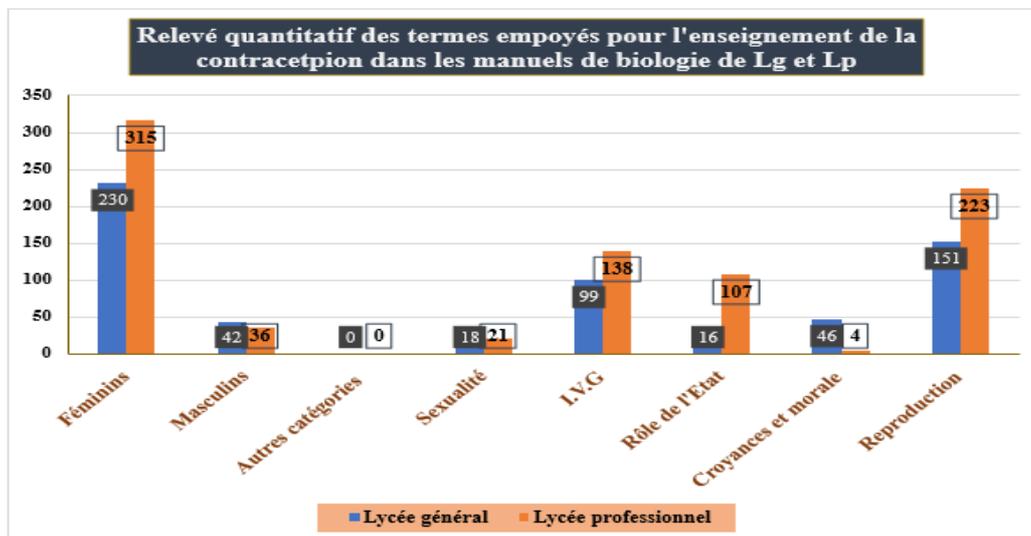
Sexo somático

Sexo comportamental

A partir de 2011, existe uma certa ambiguidade nas escolhas feitas para ilustrar conhecimentos científicos úteis no caso dos anexos 3 e 4 e valores morais de tolerância para lutar contra a discriminação de gênero no caso dos anexos 3 e 5.

3.3 EDUCAÇÃO DESIGUAL. O EXEMPLO DA CONTRACEPÇÃO E DAS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Anexo 6



Revelação quantitativa dos termos utilizados para o ensino da contracepção nos livros didáticos de biologia de Lg e Lp

Feminino

Masculino

Outras categorias

Sexualidade

Aborto

Papel do Estado

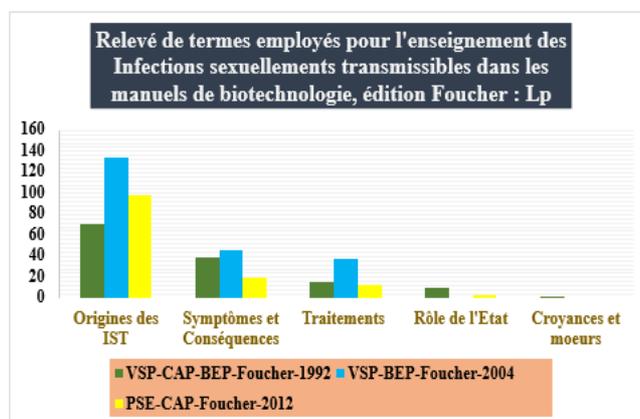
Crenças e moral

Reprodução

Liceu Geral

Liceu Profissional

Anexo 7



Lista de termos usados para o ensino de infecções sexualmente transmissíveis em livros didáticos de biotecnologia, edição Foucher: Lp

Origens das DSTs

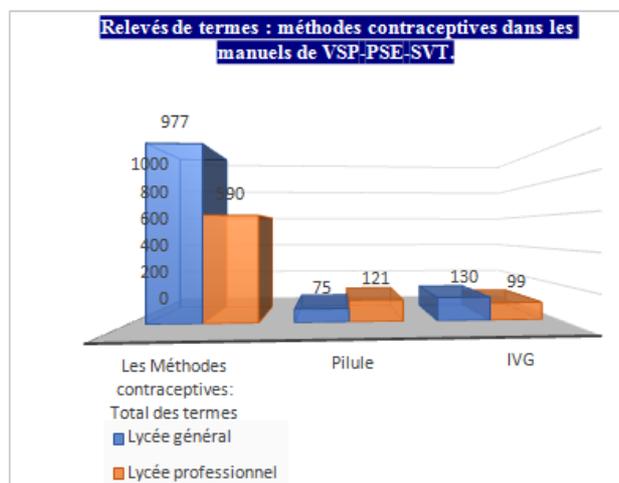
Sintomas e consequências

Tratamentos

Papel do Estado

Crenças e costumes

Anexo 8



Enunciados de termos: métodos contraceptivos nos manuais do VSP-PSE-SVT

Métodos contraceptivos:

Comprimido

Aborto

Liceu Geral

Liceu Profissional

A questão da contracepção destaca as grandes diferenças entre os Liceus Profissionais e os Liceus Gerais no conteúdo dos livros didáticos. O gráfico acima sobre a questão da contracepção e o número de palavras sobre o assunto mostra uma diferença muito significativa: 91 mais termos no Liceu Profissional do que no Liceu Geral. Da mesma forma, para a interrupção voluntária da gravidez, 13 termos estão presentes no Liceu Profissional contra 99 no Liceu Geral.

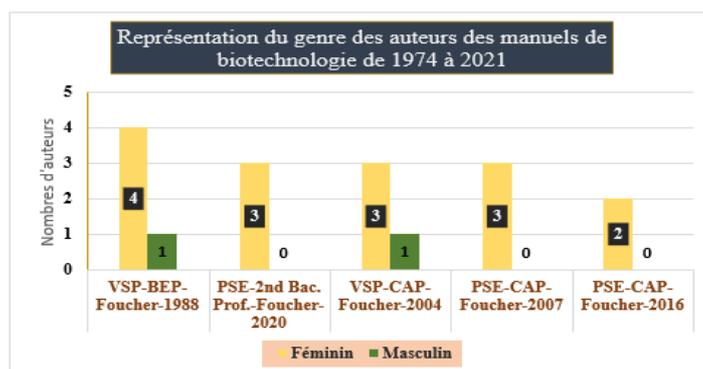
Outra observação pode ser feita em relação ao léxico: as meninas do Liceu Geral estão menos representadas do que no Liceu Profissional. Há 230 termos em comparação com 315 para o Liceu Profissional. Quanto à sexualidade, ela quase não é mencionada nos livros didáticos do Liceu Profissional ou do Liceu Geral. Mas isto é tratado durante certos anos específicos na seção de reprodução. Nossa análise seria, portanto, tendenciosa se nos limitássemos aos temas escolhidos para este artigo.

Outros termos são altamente diferenciados, por exemplo: infecções sexualmente transmissíveis. De fato, ao contrário da contracepção, há mais termos que dizem respeito aos homens do que às mulheres. Na mesma linha, os livros didáticos enfocam mais as origens das infecções transmissíveis e suas consequências. Dependendo do período, os livros didáticos lidam mais com a questão das infecções sexualmente transmissíveis. Este é o caso do manual Foucher 2012

que minimiza as consequências, uma vez que existem 98 termos para as origens e 19 para as consequências e 12 termos para tratamento e prevenção. Quanto à descrição da intervenção estatal, ela é muito reduzida (em 3) como é o caso do manual Hachette 2017 (0). Somente o manual Nathan 2016 reflete uma certa igualdade, entre causas (101) e consequências (75). Além disso, a moral dificilmente é mencionada como em Delagrave. A intervenção do Estado não está muito presente. A AIDS é descrita como um assunto somente para homossexuais: "Os sujeitos de alto risco são homossexuais masculinos e viciados em drogas. (Casteillan, p. 35, B.E.P, EFS, Jean Sinou e Bernard Lescot, 1984).

Outras formas de discriminação são perceptíveis nos livros didáticos estudados, em particular a questão das sexualidades não-heterossexuais: homossexuais, poliessexuais, assexuais, intersexuais e intersexuais, mas também outras categorias sociais, como os idosos e os deficientes.

Anexo 10



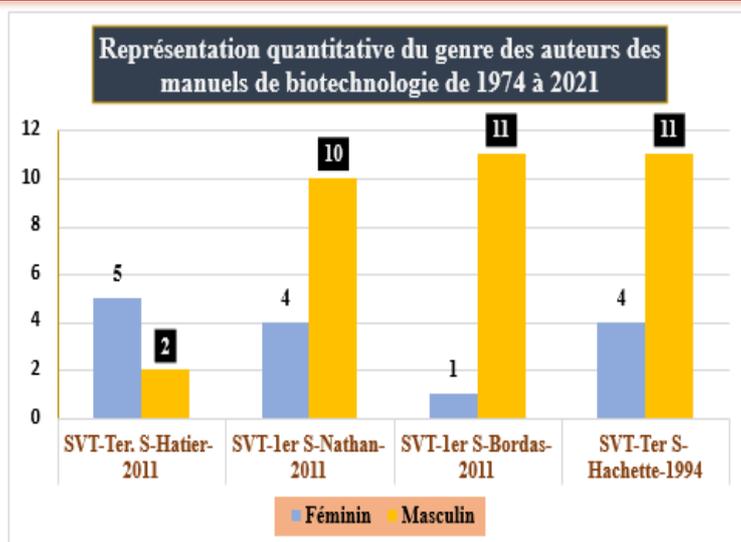
Representação do gênero de autores de livros didáticos de biotecnologia de 1974 a 2021

Número de autores

Feminino

Masculino

Anexo 11



Representação do gênero de autores de livros didáticos de biotecnologia de 1974 a 2021

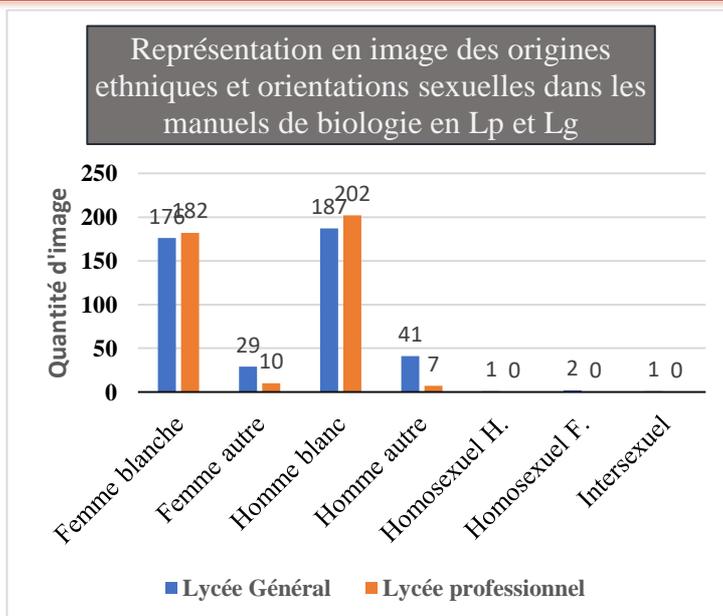
Feminino

Masculino

3.4 TIPOS DE LIVROS: QUEM ESCREVE OS LIVROS?

O estudo dos escritores de livros didáticos proporciona uma melhor compreensão do tipo de representações que eles transmitem e, em particular, representações de gênero e heteronormativas. De fato, o gráfico abaixo fornece algumas respostas a esta pergunta. Os livros didáticos da seção científica são escritos por uma grande maioria de homens, ou mesmo exclusivamente por homens para certas edições (BORDAS, 1er S, 2011). Um estudo textual do conteúdo reforça esta observação.

Paradoxalmente, os livros escolares profissionalizantes do ensino médio são escritos exclusivamente por mulheres. Quando os homens estão envolvidos, eles são na maioria das vezes inspetores ou ilustradores.



Representação em imagens de origens étnicas e orientações sexuais em livros didáticos de biologia Lp e Lg

Quantidade de imagens

Mulher branca

Mulher outro

Homem branco

Homem outro

Homossexual H.

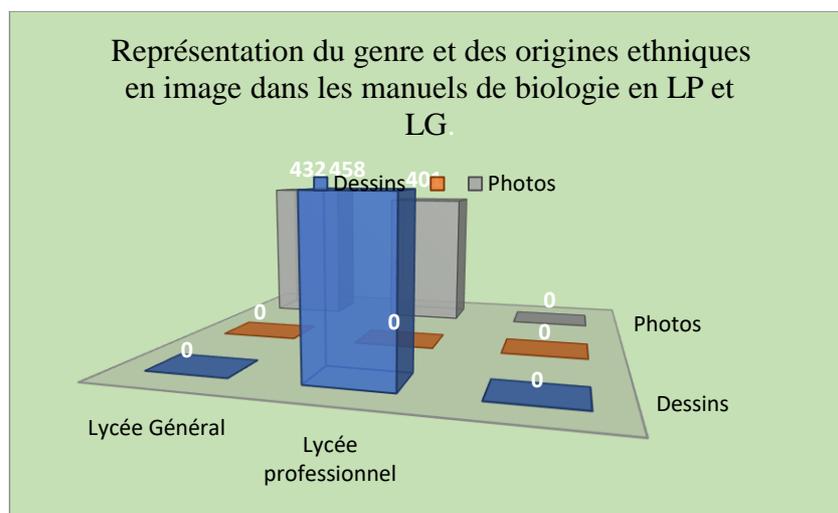
Homossexual F.

Intersexo

Liceu Geral

Liceu Profissional

Anexo 13



Representação de gênero e origens étnicas na imagem em livros didáticos de biologia em LP e LG

Desenhos

Fotos

Liceu Geral

Liceu Profissional

Além disso, foi observado que a renovação da autoria levanta muitas questões sobre o enriquecimento da experiência didática. Alguns autores estão envolvidos na composição destes manuais há mais de vinte anos. Este é particularmente o caso de Marie Cruçon e Sylvie Conier para Foucher. Alguns, como Nathan, estão presentes desde 1992. Quando não são escritos por um único autor, como no caso de Casteillan (1984) e Jean Lacqore (Podemos ver a partir deste documento o número de desenhos representando o gênero nos livros escolares do ensino médio profissional, em contraste com o ensino médio geral. Temos 134 desenhos representando mulheres e 367 desenhos representando homens. Foucher, 2012 faz o maior uso de desenhos, 176 desenhos masculinos para 65 mulheres. Notamos uma introdução da fotografia no manual de 2020. A Delagrave utiliza ambos, fotografias e desenhos para o manual de 2012. Outros tratamentos diferenciados incluem as infecções sexualmente transmissíveis. De fato, ao contrário da contracepção, há mais termos que dizem respeito aos homens do que às mulheres. Além disso, os manuais enfocam mais as origens das infecções transmissíveis e as consequências delas. Dependendo do período, os livros didáticos lidam mais com a questão das infecções sexualmente transmissíveis. Este é o caso, como podemos ver, do Foucher 2012, que minimiza as consequências, já que existem 98 termos para as origens e 19 para as consequências, e 12 termos para tratamento e prevenção. Quanto à intervenção do Estado, ela é muito reduzida (em 3) como é o caso da Hachette 207 (0). Somente o livro didático Nathan 2016 reflete uma igualdade, as origens representam 101 para 75 termos que evocam as consequências. Além disso, a moral é pouco mencionada como em Delagrave. A intervenção do Estado não está muito presente. A AIDS é um assunto para homossexuais: "Os sujeitos de alto risco são homossexuais masculinos e viciados em drogas". (Casteillan, p. 35, B.E.P, EFS, Jean Sinou e Bernard Lescot, 1984).

A partir de 2007, Bordas removeu a imagem do albino africano e a partir de 2000 a subnutrição com o povo africano foi substituída por outro fenômeno atual, a desnutrição e a obesidade ocidental com outro clichê ao fundo, um garoto acima do peso em frente à televisão.

4 DISCUSSÃO

Um estudo textual do conteúdo dos livros didáticos dá uma imagem da educação sexual que varia muito de acordo com o período. Mostra quebras e contradições ou ambiguidades. O uso altamente variável das palavras dependendo do período e do público em questão testemunha a dificuldade de estabilizar o conhecimento ensinado em relação a populações específicas, provavelmente porque o conhecimento científico e os padrões morais estão mudando na sociedade.

O conhecimento científico e seu discurso para o ensino da sexualidade em livros didáticos esclarecem uma interação real entre o conhecimento disponível a uma população em um determinado momento, os valores morais e as práticas sociais. O discurso evolui com o tempo. Por exemplo, paradoxalmente, passamos de um discurso científico sobre o prazer feminino para seu desaparecimento total.

O tratamento de infecções sexualmente transmissíveis e contracepção, mais desenvolvido para prevenção em livros didáticos de biotecnologia, é timidamente mencionado nos livros didáticos SVT da escola secundária geral. Esta forma de conceber programas de acordo com o público sugere uma escolha discriminatória por parte de designers, tomadores de decisão e editores. O desaparecimento de um tópico como "Reprodução" do currículo uma vez e seu reaparecimento vinte anos depois mostra a flutuação das normas sociais e representações do que deve ser ensinado. Pode também mostrar os pontos de vista divergentes dos formuladores de políticas.

O ensino da educação sexual como defendido nas circulares ministeriais pode não se refletir na prática real dos professores e com certeza em alguns livros didáticos. Podemos até nos perguntar se as questões e interações em jogo na escolha do conteúdo por seus autores não perpetuam uma visão discriminatória da sociedade, supondo que a jovem de uma escola secundária vocacional tenha mais probabilidade de ter relações sexuais e assim expor seu corpo do que a jovem de uma escola secundária geral, que talvez se pense que tenha menos probabilidade de ter relações sexuais precoces? Esta é talvez uma imagem fantasiosa da menina "fácil" (Liceu Profissional) e, ao contrário, da "prude", a menina casta (Liceu Geral), cuja virgindade física e espiritual não deve ser corrompida por uma educação sexual baseada no prazer, como pode ser lido na revista *Le Temps* no congresso internacional de 1911 sobre educação higiênica (BESSEDE). Quase um século depois, o mesmo tipo de discurso pode ser encontrado na Declaração do Sr. Philippe de Villiers, Presidente do *Mouvement pour la France*, a respeito da proposta de lei sobre contracepção de emergência, (Paris, 5 de outubro de 2000, A.S., 2002). Isto mostra a resistência de certos grupos políticos a uma evolução das normas e da moral na perspectiva da libertação sexual feminina e, de modo mais geral, da verdadeira libertação sexual. Os manuais mostram isso muito claramente.

Está claro nos livros didáticos que os tópicos ensinados são parcialmente determinados pelo que está acontecendo na sociedade em um determinado momento. O exemplo de prevenção com a chegada da AIDS (Relatório, 2001) é um caso em questão. Assim que a AIDS é vista como um grave problema de saúde pública, as autoridades políticas e os tomadores de decisão intensificam a prevenção nas escolas através de instruções oficiais, currículos e conteúdo dos manuais escolares, a fim de, de certa forma, disciplinar os órgãos e controlá-los (embora não saibamos quão eficazes os manuais escolares são realmente na vida cotidiana). Assim, o conteúdo didático sobre a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis responde tanto aos valores morais úteis quanto ao conhecimento científico. O papel do Estado aparece através das grelhas de leitura e indica como estas interagem com os valores morais para uso de medicina em um perfil nas escolas secundárias profissionais, fantasiado como mais frágil.

A discriminação de audiências e os preconceitos de gênero demonstram até que ponto os autores dos livros didáticos estão mal treinados em estereótipos. Isto é ainda mais verdade para os estudantes do Liceu Profissional. A tensão em torno de

corpos em espaços altamente sexuados pode levar os autores de livros didáticos de biotecnologia, por exemplo, a projetar seu conteúdo de acordo com visões bastante estereotipadas.

Também observamos, analisando os livros didáticos através das grades de leitura utilizadas que, por exemplo, a contracepção nas escolas secundárias (ensino médio profissional e geral) é pensada acima de tudo como um assunto para as mulheres e diz respeito apenas aos homens de forma limitada, o que corresponde a uma visão muito estereotipada da questão. De fato, as pesquisas conduzidas por Lucile Blanc para sua tese médica mostram que um número significativo de pessoas gostaria de ver a contracepção masculina e pelo menos alguma partilha nesta área. Igualdade de tratamento em termos de responsabilidade sexual, o discurso no conteúdo encorajando os meninos a se encarregarem de sua sexualidade é inexistente. E isto novamente vai contra as recomendações de políticas e pesquisas de campo (HCE 2016).

Com relação à questão da educação sexual, é possível formular a seguinte hipótese: através de manuais escolares, diretrizes e programas, o Estado está procurando intervir mais com os estudantes das escolas secundárias profissionalizantes, que podem ser considerados como um público mais frágil que requer mais educação em matéria de moralidade, dada sua origem familiar, muitas vezes modesta. Por outro lado, os alunos das escolas secundárias em geral, que geralmente são de classe média a famílias abastadas, não exigem intervenção em questões de moralidade sexual. Provavelmente são considerados mais bem informados, já que a educação sexual continua sendo opcional para eles até 2011. O fato de eles terem escolhido livros didáticos das seções científicas pode de fato validar esta hipótese. A ser tomado com cautela: o número de horas dedicadas nas escolas vocacionais a este ensino, que é de cerca de 1 hora por semana, pode justificar a retirada da reprodução dos programas PSE.

Os registros sobre doenças sexualmente transmissíveis ajudam a validar esta hipótese. Apesar das políticas sexuais que se tornaram gradualmente autônomas da moral católica (BERAUD AND PORTIER, 2015, GIAMI, 2007 a, 2007 b, JASPARD, 2017, MOSSUZ-LAVAU, 1991), é claro que o ensino da educação sexual é limitado na escola secundária geral ao seu conteúdo científico e ao seu conteúdo preventivo para a escola secundária profissional. Por outro lado, a discriminação de gênero está presente em todos os casos, uma vez que os órgãos femininos, e especialmente o clitóris, por exemplo, estão frequentemente ausentes em vários livros didáticos.

As pesquisas de campo, em particular a da Sauvet Annie (SAUVE, 2009), são interessantes para comparar com o conteúdo dos livros didáticos sobre a questão do sexo dos alunos: os jovens, e em particular as meninas, não estão familiarizados com seus corpos, e o prazer feminino permanece tabu, embora o conhecimento do clitóris e do prazer feminino do ponto de vista epistemológico e histórico remonte a muitos anos. Por exemplo, 84% das meninas de 13 anos não sabem como representar seu sexo, enquanto 53% sabem como representar o sexo masculino, e uma em cada quatro meninas de 15 anos não sabe que ela tem um clitóris. A responsabilidade pela prevenção de gravidezes indesejadas e doenças sexualmente transmissíveis continua a recair principalmente sobre meninas e mulheres. Consequentemente, as questões de igualdade levantadas pela educação sexual são numerosas: acesso ao aborto e à contracepção, prevenção da gravidez na adolescência, levando em conta o desejo e o prazer das mulheres jovens, o estigma da "reputação", as desigualdades

e a violência sexista dentro de um grupo ou de um casal, a questão do consentimento, a instrumentalização dos códigos culturais e religiosos que justificam a desigualdade entre meninas e meninos, a invisibilidade e a intolerância em relação à homossexualidade e, em particular, o lesbianismo. Quinze anos após a obrigação legal de proporcionar educação sexual aos jovens, a observação é unânime e compartilhada: a aplicação efetiva das obrigações legais em termos de educação sexual nas escolas ainda é fragmentada e desigual, dependendo do território, pois depende da boa vontade individual. Segundo o ponto de vista de certos atores, ela não está adaptada à realidade dos jovens.

As minorias invisíveis (gays, lésbicas, pessoas intersexuais, transexuais, pansexuais, unissexuais, mulheres de cor ou pessoas etnicamente distantes) estão totalmente ausentes dos livros didáticos na perspectiva da educação não apenas no respeito ao corpo, mas também na convivência.

5 CONCLUSÃO

Observamos que os livros escolares do setor profissional têm, sem dúvida, a utilidade que o Estado lhes atribui, a prevenção de uma população a ser controlada. Os autores destes livros didáticos não mudaram muito e os estereótipos que eles transmitem foram reproduzidos de forma quase idêntica por cerca de trinta anos. Os estereótipos são transmitidos tanto por mulheres quanto por homens (os autores dos livros didáticos), consciente ou inconscientemente.

A discriminação também está presente nos livros escolares e continua a existir apesar de todas as leis citadas que a proíbem (seção de definição). As minorias são totalmente invisíveis quando não são estigmatizadas, como pode ser visto no livro da Economia Familiar e Social, B.E.P, (B. Lescot, J. Sinou, 1984) onde a AIDS é descrita como sendo transmitida principalmente por homossexuais ou viciados em drogas. Assim, com tantos estereótipos e discriminações encontrados nos livros escolares profissionalizantes do ensino médio (livros didáticos que se destinam a um público predominantemente misto e em cursos de treinamento que são, eles próprios, muito sexistas e, portanto, mais facilmente propensos a estereótipos de gênero por causa da rara mistura sexual), é improvável que os adolescentes recebam uma visão aberta, plural e global da sexualidade e do respeito pelos outros.

O uso frequente de desenhos em vez de fotografias talvez seja também indicativo da infantilização dos alunos. Especialmente porque estes desenhos são muitas vezes estereotipados e muito juvenis. Ainda hoje, algumas editoras ainda incluem uma grande maioria de desenhos em seus livros didáticos. Na era digital e 3D, isto pode parecer obsoleto em comparação com as ilustrações na corrente geral. Assim, a "ordem heteronormativa"⁷ mencionada por Clair e Bozon tem seu lugar nos livros didáticos de biotecnologia e ciências da vida e da terra das escolas secundárias vocacionais. O conteúdo dos livros didáticos talvez contribua assim para uma internalização das normas a que Bozon se refere em seus escritos (Bozon, 2004), uma internalização que Foucault descreve como biopolítica (Foucault, 1976).

⁷ Este é entendido como aquele que predomina e isso independentemente do meio social considerado

Jean Sinou, autor do 4º, 3º e C.A.P. livro didático da escola, escreve: "é impensável que as jovens engravidem quando a contracepção estava em vigor. E ele aponta a falta de uma verdadeira educação sobre sexualidade nas escolas.

Além disso, a real eficácia dos livros escolares sobre a questão da educação sexual deve ser avaliada. Isto ainda está para ser feito. De fato, o relatório de 2019 (HCE, 2019) e o de 6 de outubro de 2021 lembram as dificuldades de fazer cumprir as políticas de educação sexual. Entretanto, o Estado parece ter tomado posse do assunto e os livros didáticos de hoje mencionam mais prontamente a sexualidade. (Bozon).

BIBLIOGRAFIA

ABIR, A. Le lycée professionnel et son public : des élèves partagés entre formation professionnelle et formation scolaire. Sociologie. Université Nice Sophia Antipolis, 2014.

BAJOS, N, BOZON, M. *Enquête sur la sexualité en France : Pratiques, genre et santé*. Paris : La Découverte, 2008.

BALANDIER, G., "Le sexuel et le social. Lecture anthropologique". Um artigo publicado nos *Cahiers internationaux de sociologie*, vol. 76, Jan-Jun 1984, pp. 5-19. Paris : Les Presses universitaires de France.

BÉGOT, A.-C. MONTANDON, F. Entre éthique sexuelle et accompagnement à l'éducation à la sexualité : analyse d'un « dispositif » en milieu scolaire. In: BRETON, H. PESCE, S. (éds). *Éthique de l'accompagnement en santé, travail social et formation d'adultes : complication et réciprocité réflexive*. Paris, Téraèdre, coll. Passages aux actes, 2018, p. 55-73.

BÉRAUD, C. Les catholiques contre le genre. L'épisode des manuels de SVT. In : ROCHEFORT, F., SANNA, M., EI. (éds.). *Normes religieuses et genre : Mutations, résistances et reconfiguration (XIXe -XXIe siècle)*. Paris : Armand Colin, 2013, p. 109-122.

BERENI, L., CHAUVIN S., JAUNAIT REVILLARD A. *Introduction aux études sur le genre* De Boeck Supérieur s.a., 2012 2e édition Fond Jean Pâques, 4 – 1348 Louvain-la-Neuve, 2008.

BERGER, D., ROCHIGNEUX, J., BERNARD, S., MORAND, J., MOUGNIOTTE, A., 2015. *Éducation à la sexualité : conceptions des élèves de 4e et 3e en collège et SEGPA*. Santé Publique, vol. 27, n° 1, p. 17- 26.

BLANC, L. Acceptabilité de la pilule contraceptive masculine : enquête auprès de 3368 hommes français. *Médecine humaine et pathologie.*, HAL. BOUSQUET, D. Présidente du Haut Conseil para a Igualdade entre Mulheres e Homens Rapport n°2016-06-13-SAN-021 publicado em 13 de junho de 2016.

BOZON, M. 2012. Autonomie sexuelle des jeunes et panique morale des adultes. Le garçon sans frein et la fille responsable. *Agora*, vol. 1, n° 60, p. 121-134.

BOZON, M. La nouvelle normativité des conduites sexuelles, ou la difficulté de mettre en cohérence les expériences intimes ? In : MARQUET, J. (dir.). Normes et conduites sexuelles contemporaines. Approches sociologiques et ouvertures disciplinaires. Louvain-la-Neuve (Belgique) : Academia Bruylant, 2004, p. 15-33.
BOZON, M. Sociologie de la sexualité. Paris : Armand Colin, 2009.

C.C..N. (Comité consultatif National d'Ethique pour les Sciences de la Vie et de la Santé), La documentation Française: La contraception chez les personnes handicapées mentales). La Contraception chez les personnes handicapées mentales, 1996)

CARESMEL, N. 2014. Cadre légal et professionnel d'une pratique sexuelle. Le sociographe, vol. 47, n° 3, p. 21-30.

CHOPPIN, A. « Le manuel scolaire, une fausse évidence historique », *Histoire de l'éducation* [En ligne], 117 | 2008, mis en ligne le 01 janvier 2013, consulté le 30 septembre 2016. URL : <http://histoireeducation.revues.org/565> ; DOI : 10.4000/histoire-education.565

CHOPPIN, A., « l'histoire des manuels scolaires, un bilan bibliométrique de la recherche française », in: CIASE, Rapport sur la pédophilie au sein de l'église, 2019. <https://www.ciase.fr/revue-de-presse/articles/>

CLAIR, Isabelle. Les jeunes et l'amour dans les cités. Paris : Armand Colin, coll. « Individu & Société », 2008.

CLER, Amour et Famille : classes dominantes et morale sexuelle. Genre, sexualité & société [En ligne], 18 | Automne 2017, online dia 01 de dezembro de 2017.

CORBIN A., COURTINE A., VIGARELLO G., *Histoire du corps*, volume 1. 2005.
CORBIN, Alain. Les filles de noce. Misère sexuelle et prostitution au XIXe siècle. 2e éd. Paris : Flammarion, 2010.

D.A.P., Document d'application des programmes, Sciences et Technologie, Cycle 3, 2002.

FERREIRA CAVALCANTE I., GLEYSE J., DE LIMA NETO A., THOMAS J., Sexe, sexualité et genre dans l'enseignement professionnel au Brésil et en France Broché – Livre grand format, 9 mars 2021.

FOUCAULT, M. Histoire de la sexualité. Tome 1 : La volonté de savoir. Paris : Gallimard, 1976.

FOURCADE B. & OURTAU M., Le BEP : Un diplôme, deux finalités ? In: Formation Emploi. N.66, 1999.

FRADOIS, G., 2019. Méthode contraceptive et pédagogie scolaire : 'l'éducation affective, relationnelle et sexuelle', du CLER dans l'enseignement catholique en France. In : GIRARD, Gabriel, PER

GALLOT, F., PASQUIER, G., 2018. L'école à l'épreuve de la 'théorie du genre' : les effets d'une polémique : Introduction. *Cahiers du Genre*, vol. 65, n° 2, p. 5-16.

GELLY, M., Les inégalités sociales, objet invisible pour l'éducation sexuelle ? Enquête ethnographique sur l'éducation sexuelle dans les collèges. *Sciences sociales et santé*, vol. 31, n° 4, 2013.

GIAMI, A. Une histoire de l'éducation sexuelle en France : une médicalisation progressive de la sexualité (1945-1980). *Sexologies*, n° 16, 2007.

GLEYSE, J. Corps laïques ou corps religieux ? Une analyse des manuels scolaires de morale au XXe siècle, *Tréma*, Montpellier : IUFM de Montpellier, 2012, pp. 42-71.

HALDE, relatório encomendado em 2008 pela Alta Autoridade contra a Discriminação e pela Igualdade sobre o lugar dos estereótipos e da discriminação nos livros escolares sob a direção de Pascal Tisserant e Anne-Lorraine Wagne;

HAUT CONSEIL À L'ÉGALITÉ (HCE), 2016. Relatório sobre educação em sexualidade. Relatório n° 2016- 06-13-SAN-021.

HAUT CONSEIL À LA SANTÉ PUBLIQUE (HCSP), 2016. Santé sexuelle et reproductive. Relatório : <https://www.hcsp.fr/explore.cgi/avisrapportsdomaine?clefr=550> JASMIN, E., 2007. Existe-t-il une place pour l'amour dans l'éducation sexuelle ? Approche comparative entre les Etats-Unis, les Pays-Bas et la France. *Informations sociales*, vol. 8, n° 144, p. 56-63.

JELLAB, A. *Sociologie du lycée professionnel. L'expérience des élèves et des enseignants dans une institution en mutation*. Toulouse : Presses universitaires du Mirail, 2008.

JORF (Journal Officiel République Française, n° 0180 du 05/08/1982 relative à La dépénalisation de l'homosexualité.)

KHEMILAT, F. (entretien avec GALLOT F. & PASQUIER G.), 2018. Les Journées de retrait de l'école : une mobilisation très relative des musulmans de France. *Cahiers du Genre*, vol. 65, n° 2, p. 41-57.

KNIBIEHLER, Y. *La sexualité et l'histoire*. Paris : O. Jacob, 2002.

LE MAT, A. L'homosexualité, une 'question difficile'. Distinction et hiérarchisation des sexualités dans l'éducation sexuelle en milieu scolaire. *Genre, sexualité & société*, n° 11, 2014.

LE MAT, A. Parler de sexualité à l'école. Controverses et luttes de pouvoir autour des frontières de la vie privée. Thèse de doctorat. *Science politique*. Lille : Université de Lille2. 2018.

LIPPMAN, W. *Public opinion*, New-York, cité dans R. AMOSSY, *Les idées reçues. Sémiologie du stéréotype*, Paris, 1991, introduction et chap. I, 1991.

LUCA BARRUSSE V., LE DEN M. (éds.). Les politiques de l'éducation à la sexualité en France. Avancées et résistances. Paris : L'Harmattan. Coll. Logiques sociales, 2016.

LUCA BARRUSSE, V. 2010. Le genre de l'éducation à la sexualité des jeunes gens (1900-1940). *Cahiers du Genre*, vol. 49, n° 2, 2010.

MAILLARD Fçe., « Les « petits » diplômes professionnels français dans la politique éducative et sur le marché du travail », *Cahiers de la recherche sur l'éducation et les savoirs* [En ligne], Hors-série n°4 | 2013.

MÉNARD, G. *Religion et sexualité à travers les âges*, Presses de l'Université Laval, 2018. HCE – Rapport relatif à l'éducation à la sexualité.

MINISTÈRE DE L'ÉDUCATION NATIONALE (MEN), Circulaire (MEN, C) du n° 2018-111 du 12-9-2018, A circular que cancela e substitui a circular n° 2003-027 de 17 de fevereiro de 2003 sobre educação sexual em escolas, colégios e liceus especificará o tratamento da violência sexual.

MINISTÈRE DE L'ÉDUCATION NATIONALE (MEN), DIRECTION DE L'ÉVALUATION DE LA PROSPECTIVE ET DE LA PERFORMANCE (DEPP). L'éducation à la santé dans les établissements du second degré (2008-2009). Nota de informação, 11-17, p 1-6, 2011.

MINISTÈRE DE L'ÉDUCATION NATIONALE (MEN), Information et éducation sexuelles. Circulaire n° 73-299, 23 juillet, Bulletin officiel de l'Éducation nationale, n° 30, 26/07/1973.

MINISTÈRE DE L'ÉDUCATION NATIONALE (MEN). mplementação nas escolas de uma política de informação e prevenção em saúde, particularmente a AIDS. Circular No. 89-119 de 18/05/1989. Bulletin officiel de l'Éducation nationale, No. 22 de 1/06/1989, pp. 1352-1353.

OMS, *Actes officiels de l'Organisation mondiale de la Santé*, n° 2, p. 100.

PAGET, D. Petite histoire des collèges et des lycées, F.S.U. éditions du Temps, 2008.

PAICHELER, G. *Sexualité, normes et contrôle social*. Paris : L'Harmattan, coll. « sexualité humaine », 2003.

PELLEGRIN, P. « De la nature de la femme... », Le point, Hors-série, numéro 18, avril-mai 2015, Aristote, Notre père à tous, p19.

PINELL, P. *Une épidémie politique, la lutte contre le sida en France. 1981-1996*. Paris : PUF, 2002.

PLANNING FAMILIAL&TERPAN (laboratoire). *Sondage : sexualité : un sujet facile à aborder entre parents et enfants ? 2018*. URL :

<http://www.datapressepremium.com/rmdiff/2006531/CPSONDAGEEDUCATONSEXUELLE.pdf>

PORTIER, Ph. *Religion et politique*. Paris : Sciences. Po Les Presses, 2017, p. 211-221.

POUTRAIN, V. L'évolution de l'éducation à la sexualité dans les établissements scolaires. *Éducation et socialisation* [En ligne], 36 | 2014, URL : <http://journals.openedition.org/edso/951>.

PROST, A. "Travaillez, sinon vous serez orientés » : essai sur les difficultés actuelles des collèges et lycées français Author(s): Antoine Prost Source: The French Review, Vol. 58, No. 6 (May, 1985), pp. 793-804.

RELATÓRIO encomendado pela Haute Autorité de Lutte contre les Discriminations et pour l'Egalité (Alta Autoridade contra a Discriminação e pela Igualdade) sobre o lugar dos estereótipos e da discriminação nos livros escolares sob a direção de Pascal Tisserant e Anne-Lorraine Wagne.

RELATÓRIO sobre a avaliação da lei de julho de 2001 sobre educação sexual <https://www.vie-publique.fr/sites/default/files/rapport/pdf/104000050.pdf>. 2001.

RÉPAULT, Cl., "La sexualité aujourd'hui". Un article publié dans l'ouvrage sous la direction de Jacques Dufresne, Fernand Dumont et Yves Martin, *Traité d'anthropologie médicale. L'Institution de la santé et de la maladie*. Chapitre 36, pp. 733-742. Québec: Les Presses de l'Université du Québec, l'Institut québécois de recherche sur la culture (IQRC), Presses de l'Université de Lyon, 1985, 1245 pp.

SAUVET, A. « État des lieux des connaissances, représentations et pratiques sexuelles des jeunes adolescents. Enquête auprès des 316 élèves de 4^{ème} et 3^{ème} d'un collège du Nord de Montpellier », *Mémoire de DU Sexologie, Faculté de Médecine- Montpellier-Nîmes*, 2009.

SCHARTZ, O. « Peut-on parler des classes populaires ? », *La vie des idées*, www.laviedesidees.fr/Peut-on-parler-des-classes.htm, 2011.

SEIGNOBOS, Ch. *La méthode historique appliquée aux sciences sociales*. 1901.

SEVEGRAND, M. *Les enfants du Bon Dieu. Les catholiques Français et la procréation au XX^e siècle*. Paris : Albin Michel, 1995.

SIMON, P., *Le contrôle des naissances*, Payot, 1966.

SINOÛ, J. *Manuel Economie Sociale et Familiale destiné aux élèves de C.A.P. (3^e professionnel d'aujourd'hui)*, aux éditions Casteillan, 1984.

SOURCE <http://www.assemblee-nationale.gouv.fr>, le 17 mai 2002.

TANGUY, L. *L'enseignement professionnel en France. Des ouvriers aux techniciens*. Paris : PUF, 1991.

VERBA, D., GUÉLAMINE, F. Interventions sociales et faits religieux : Les paradoxes des logiques identitaires. Rennes : Presses de l'EHESP, 2014.

VERGNIoux, A. *40 ans des sciences de l'éducation*, A. VERGNIoux (dir.), Caen, PUC, 2009.

VINCENT, R.& THIEME TIMERI. *Évolution de l'enseignement de la notion de plaisir sexuel en sciences de la vie et de la terre au lycée de 1983 à 2019*. Education. Mémoire de Master II, 2021, Archive-Ouverture.